

# Expressões do reconhecimento e da sujeição na experiência intersubjetiva

Pericles Pinheiro Machado Junior<sup>1</sup>

## Resumo

A partir da vinheta clínica de um início de análise, o autor propõe um ensaio sobre um aspecto dos relacionamentos sociais que tem sido objeto de reflexão de diversos pesquisadores do campo psicanalítico: o reconhecimento do outro como semelhante e diferente, portador de uma alteridade que ao mesmo tempo revela a estreita proximidade e a larga distância existente entre duas pessoas. Fazendo contraponto com o pensamento de Foucault sobre relações de poder e sujeição, e a teoria de Winnicott sobre *holding* e dependência, o reconhecimento da alteridade é discutido como uma modalidade de experiência intersubjetiva mediada pelo respeito às diferenças e aos limites do espaço psíquico em que se afirma a singularidade radical do outro.

Palavras-chave: alteridade, *holding*, sujeição, Winnicott, Foucault.

*You don't know me  
Bet you'll never get to know me  
You don't know me at all  
Feel so lonely  
The world is spinning'round slowly  
There's nothing you can show me from behind the wall.  
Caetano Veloso (1972)<sup>2</sup>*

## O encontro com o outro

O rapaz chega, instala-se no sofá e começa a falar. Ouço-o durante pouco mais de uma hora. Combinamos um novo encontro. Ele volta, a cena se repete. Fala e parece esforçar-se para condensar em alguns minutos toda sua história de vida.

1 Psicólogo e Psicanalista. Mestrando em Psicologia Social pela USP e Birkbeck College, University of London. Pesquisador associado ao Laboratório de Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade do Instituto de Psicologia da USP.

2 “Você não me conhece. Aposto que você nunca vai me conhecer. Você não me conhece mesmo. Sinto-me tão só. O mundo gira lentamente ao redor. Não há nada que você possa me mostrar por trás dessa parede.” Tradução livre da canção *You don't know me*, lançada em 1972 por Caetano Veloso no disco “Transa”, gravado em Londres durante o exílio político.

Ouço e sinto-me ora mais próximo, ora mais distante à medida que suas palavras se revelam e descrevem fragmentos de sua realidade. Faço algumas perguntas, escuto muitas respostas, acompanho desvios, perco-me nos rodeios. Vejo um rosto e, por um momento, reconheço algo em sua expressão. Seria dúvida, angústia, curiosidade? Prossigo a entrevista e sou levado pela correnteza de seus verbos. Encerramos o segundo encontro. Ele vai embora, separa-se e fico sozinho em minha sala durante algum tempo, aguardando o próximo atendimento que aconteceria após um intervalo.

O que houve nesses breves momentos de diálogo com alguém que acabo de conhecer? Melhor dizendo, alguém que não conheço.

Esse primeiro contato com o rapaz me impele a pensar e a estabelecer alguma ordem no caos de tantas palavras. E, ao mesmo tempo, percebo que qualquer esforço de organização neste momento seria inútil. Sigo a intuição e deixo as imagens que surgem em minha mente retomarem movimento. Ao recordar a cena de nosso diálogo, particularmente algumas frases pronunciadas pelo rapaz, vem à mente a música do Caetano Veloso: *you don't know me*. Sim, é claro que eu não o conheço.

No encontro seguinte eu o recebo na porta e cada um se dirige ao lugar designado pela disposição dos móveis na sala de atendimento. Minutos depois, ele se levanta do sofá e, para minha surpresa, deita-se rapidamente no divã, deixando escapar um “ufa!” Perdemos o contato visual, ficamos novamente imersos nas palavras. Sua interjeição me faz crer que ele se sinta aliviado ao sair do alcance do meu olhar.

Faço poucas intervenções, pontuo algo aqui e ali e assisto com especial curiosidade a maneira como ele se apresenta, pouco a pouco, a cada novo encontro. A angústia oscila entre querer saber algo a seu respeito e o receio, intuído em diversos momentos, de que alguma pergunta um pouco mais direta fosse percebida como invasiva. Sim, isso faz sentido dentro de mim, acomodo-me mais tranquilo na poltrona e deixo suas palavras modularem o ambiente. Novamente ouço em pensamento trechos da música do Caetano: *you don't know me... you don't know me at all*.

## Expressões do reconhecimento

Essa breve vinheta de um início de análise pode servir de ponto de partida para pensarmos sobre um aspecto dos relacionamentos sociais que tem sido objeto de reflexão de diversos pensadores no campo psicanalítico: o reconhecimento do outro (Frosh, 2002; Benjamin, 1990; Butler, 2000; Allen, 2006). Mais especificamente, o reconhecimento do outro como semelhante e como diferente, portador de uma alteridade que ao mesmo tempo revela a estreita proximidade e a larga distância existente entre duas pessoas.

Na língua portuguesa, o verbo *reconhecer* é utilizado para designar uma grande variedade de atos transitivos, isto é, que partem de um sujeito em direção a um objeto. Algumas acepções desse verbo são<sup>3</sup>: *conceber a imagem de uma coisa ou alguém que se revê; distinguir características de algo ou alguém; admitir como verdadeiro e real; observar; explorar; mostrar gratidão; constatar, admitir como legítimo; e, por fim, rever a própria fisionomia ou traços morais em alguém*. Portanto, reconhecer – e por extensão, o reconhecimento – refere-se essencialmente à constatação de determinados aspectos do objeto que guardam algum tipo de semelhança com o sujeito, mas que preservam diferenças individuais.

Em inglês, duas palavras são utilizadas para designar reconhecimento: *recognise* e *acknowledge*. Na primeira, identificamos o radical latino *cognitio*, a capacidade de cognição, de aquisição de um conhecimento pela via perceptiva das experiências sensoriais, das representações, pensamentos e lembranças (como em: *eu a reconheci na fotografia*). O segundo vocábulo tem a raiz anglo-saxônica *cnaewlece*, que se refere tanto a um sentimento de respeito, honra, admiração (*obteve reconhecimento pelas suas contribuições*), quanto à familiaridade e intimidade com algo ou outrem<sup>4</sup> (*ela se reconheceu na angústia da amiga*).

É curioso notar a diferença entre os dois termos. O reconhecimento associado ao vocábulo *recognise* refere-se ao conhecimento racional, a um aspecto objetivo do ato de entrar em contato com algo que pode ser descrito pelas suas características específicas. Por outro lado, o reconhecimento de que trata o vocábulo *acknowledge* indica um aspecto subjetivo da experiência, um conhecimento imediato que se processa sobremaneira pela via dos sentimentos.

A partir dessa analogia, o reconhecimento do outro pode ser entendido como uma *experiência objetiva* de identificação de suas características individuais, associada a uma *experiência subjetiva* de familiaridade e respeito pelo outro. A alteridade, nesse sentido, é estabelecida pelas relações de contraste, distinção e diferença que possibilitam o discernimento das qualidades singulares do outro, ao mesmo tempo que preservam a dimensão ontológica que une duas pessoas pelos laços de humanidade.

A capacidade de reconhecimento depende de um certo grau de amadurecimento da consciência de si que, como tal, aponta para uma dimensão ética dos relacionamentos. Sempre me recordo do sentimento de invasão que algumas pessoas conseguem infligir ao impor sua verdade para dentro do outro. Isso pode acontecer, inclusive, sem a pretensão de ferir ou ignorar a pessoa do outro, sua presença e importância. A dimensão ética do reconhecimento do outro como outro, da experiência de alteridade, depende em grande medida de um despertar consciente por parte

3 Cf. *Dicionário Houaiss Online* (<http://houaiss.uol.com.br>).

4 Cf. *Online Etymology Dictionary* (<http://www.etymonline.com>).

do sujeito. Ao contrário da situação invasiva, que pode ou não ter uma determinação predominantemente inconsciente, o reconhecimento pressupõe uma intencionalidade que inclui os aspectos racionais de *recognition*, tanto quando as expressões sublimes de *acknowledgement*. Nas palavras de Stephen Frosh e Lisa Baraitser:

Este tipo de reconhecimento não é um evento meramente cognitivo, tampouco um reflexo passivo ou espelhamento do que já está, de alguma forma, no outro. Antes, é algo que se estende ativamente em direção ao outro, que cria aquilo que encontra, mas também permite que o outro seja; é, neste sentido, para retomar o tema do sagrado utilizado anteriormente, um processo de santificação, em que o que é encontrado no outro é igualmente acalentado especificamente pela sua capacidade de ser diferente, sua alteridade. (Frosh & Baraitser, 2003)<sup>5</sup>

Na experiência de reconhecimento da alteridade, encontra-se implícita uma capacidade do sujeito para lidar com as diferenças e as semelhanças, com a aproximação e o distanciamento entre este e o outro, cuidando para que os contornos psíquicos (a individualidade do *self*) sejam mantidos, e não ameaçados por esse contato. Essa capacidade implica permitir a manifestação das diferenças em paralelo a uma apreciação da semelhança estrutural entre duas pessoas (Benjamin, 1990). Há um limite que deve ser preservado nesse contato, uma delimitação que representa a autonomia e a liberdade de ambos no relacionamento. Eis aí o aspecto sagrado a que Frosh e Baraitser (2003) se referem: o outro em seu espaço interno deve ser respeitado como tal, preservado em sua autonomia e apreciado por sua singularidade. O reconhecimento, no sentido de *acknowledgement*, se expressa pela contemplação do outro com suas qualidades e idiossincrasias, o que, em contrapartida, evoca o sentimento de conexão com o outro pela constatação da semelhança de seus atributos humanos, suas benesses e seus defeitos. O respeito pelo solo sagrado em que o outro se estabelece é uma atitude ética, consciente e intencional.

## Expressões da sujeição

A ameaça de ruptura desses limites pode ser sentida como uma invasão, o desrespeito pelo espaço de liberdade e autonomia do outro. A conexão com o outro, neste caso, ao invés de propiciar reconhecimento da singularidade de caracteres humanos, torna-se um meio de *colonização* do espaço interno do outro. As experiências criativas de troca, aprendizagem e amadurecimento tornam-se inacessíveis, predominando uma relação de subordinação do desejo de um sobre o outro.

5 Tradução minha.

Colonizar o outro significa profanar seu solo sagrado, invadir seu espaço psíquico pela atribuição de significados que não lhe são próprios. Podemos pensar em gradações desta colonização, desde situações que denotam um simples mal entendido (por exemplo, *quem usa óculos deve ser inteligente*) até configurações radicalmente excludentes, como no caso do racismo, da xenofobia e da misoginia (Frosh, 2002).

Nesta acepção, a imagem da colonização faz pensar em uma ocupação indébita, uma situação de dominação em que a própria existência do outro como ser autônomo é negada e transgredida. A singularidade e os limites que caracterizam o indivíduo são arrebatadas pelo olhar alheio, pela imposição de categorias que dizem pouco ou nenhum respeito àquele que se vê assujeitado. Configura-se uma disparidade onde antes havia uma espécie de simetria: se o reconhecimento implica a manutenção de uma ética relacional, em que um e outro encontram-se em pé de igualdade pela afirmação e aceitação daquilo que os faz diferentes, a colonização implica a submissão do outro a um novo discurso. Impõe-se ao outro uma redefinição de sua identidade no âmbito das relações sociais, muito embora a permanência do outro nessa posição de assujeitado não seja necessariamente dada como garantida. Há sempre a possibilidade de reações subversivas e, em alguns casos, violentas.<sup>6</sup>

O que essa descrição sugere é um estado de coisas em que o poder de um é dirigido ao outro de fora para dentro, o que pode facilmente resvalar em uma visão maniqueísta, uma idealização que – como é de costume para as idealizações – separa o mundo em fortes e fracos, senhores e escravos, dominadores e subordinados. De fato, o currículo da humanidade apresenta uma infinidade de eventos em que o uso do poder para fins perversos parece ser a face mais visível desses fenômenos. O próprio termo *colonização*, utilizado para se referir ao ato da sujeição inibidora, denota uma predominância do poder hegemônico sobre o outro e sua autonomia, uma ocupação territorial pelo que sujeita e a desterritorialização do assujeitado.

É neste contexto que Judith Butler (1997) retoma o pensamento de Foucault para indagar as condições para o estabelecimento de relações de sujeição. Em um primeiro momento, o exercício do poder sobre o outro é pensado como resultante de uma imposição deliberada pelo mais forte, uma ação que determina a subordinação do outro, relegando-o a um patamar de inferioridade (p. 2). Se, no entanto, tomarmos a perspectiva de Foucault em *Vigiar e Punir* (1975/1991) e analisarmos a ação do poder, não apenas em sua dimensão externa mas também como ação constituinte do sujeito,

---

6 Um filme que expressa graficamente a reversão de perspectiva nos limites da sujeição é “Dogville”, de Lars von Trier (2004), em que a doce personagem principal (Grace), após uma longa jornada de submissão aos interesses e crueldades dos moradores de uma vila, transforma-se na Nêmesis que lhes devolve de um só golpe toda a violência que nela ficou contida (dis-Grace).

como aquilo que provê as próprias condições para sua existência e para a trajetória de seu desejo, então o poder não é apenas aquilo a que nos opomos, mas também, de forma significativa, aquilo de que dependemos para nossa existência e que se funda e se preserva naquilo que somos. (Butler, 1997, p. 2)<sup>7</sup>

A sujeição, portanto, é descrita tanto como colonização, no sentido de uma atitude que rompe com a possibilidade de reconhecimento da alteridade, instalando no outro uma espécie de controle por meio da atribuição de significados alienígenas e da subversão de sua autonomia e desejo, mas também aponta, paradoxalmente, para um ato de inauguração da subjetividade. Esta é uma formulação bastante ambígua que Foucault, segundo a análise de Butler (1997), não elabora em termos dinâmicos, tampouco explica de que modo o sujeito é formado pela submissão ao poder do outro.

Seguindo ainda na trilha de Foucault, a palavra que designa sujeição em francês é *assujettissement*, sendo traduzida como *subjugação* em seu sentido mais forte. Contida nessa palavra encontra-se o termo *sujet*, que se traduz como *sujeito* (como em: *voilà le sujet qui j'ai connu 'y a longtemps*), mas também como *objeto* (*le sujet dont nous nous occupons*). Brincando um pouco com as palavras, depreendemos aqui uma curiosa gramática em que sujeito e objeto criam-se mutuamente, engendram-se a partir de um mesmo ato que estabelece posições subordinadas vazias de conteúdo, mas estruturalmente interdependentes. Na gramática não há bandidos e mocinhos, vilões e vítimas. O problema, portanto, parece ser menos a estrutura do agenciamento de poder implicado na sujeição, e sim o uso que se faz desse poder e a forma que este assume no contato com o outro. Visto por esse prisma, ocorre-me pensar em duas expressões da sujeição:

Como *coerção*, sujeitar significa submeter o outro a uma força que o intimida e o reduz a um objeto parcial, saturado de significados projetados para dentro de seu corpo. Essa é a primeira expressão da sujeição descrita por Butler e pode ser associada a todas as modalidades de relacionamento assimétrico em que o elo mais fraco é submetido pelo mais forte. Configura-se uma equação em que as diferenças – de poder, força, capital, potência – são polarizadas em positivo-negativo, mais-menos, maior-menor, bom-mau, e uma das partes se impõe à outra em um esforço de negação, dominação ou mesmo aniquilação.

Como *determinação*, sujeitar é uma forma de conferir significado à ação do outro, definindo parâmetros para a leitura de seus atributos. Nessa acepção, temos novamente uma dupla cuja assimetria é marcada pela disposição do olhar de um sobre o outro, em que o primeiro é possuidor de um suposto saber a respeito do segundo. Entretanto, a *qualidade desse saber* pode se traduzir em uma perversão da

7 *Idem.*

realidade do outro – como no preconceito, na discriminação e em todas as formas de exclusão categórica –, mas também pode servir como ponto de referência para a construção de um saber autêntico – por exemplo, na formação da identidade profissional, na educação e nas relações de amizade. Neste caso, o respeito pelo outro deve estar presente, o que modifica desde o início o teor desse ato de sujeição, evidenciando sua faceta de suporte à construção do sujeito.

Em síntese, torna-se evidente que o aspecto vil da sujeição refere-se à colonização do outro, sua ocupação indébita e sua submissão a categorias e significados que restringem sua liberdade e a expressão de sua singularidade. Por sua vez, o aspecto construtivo da sujeição pode estar referido a uma organização da subjetividade, o estabelecimento de uma lei que funda o sujeito ao inscreve-lo em um registro humano, limitado, possível.

## Reconhecimento e experiência intersubjetiva

As expressões do reconhecimento e da sujeição a princípio parecem revelar apenas o antagonismo entre duas posições do sujeito perante o outro. Mas tomando a perspectiva discutida por Butler a partir das ideias de Foucault, vemos que a sujeição por si não é necessariamente uma imposição aética do desejo de um sobre o outro. Aqui estou pensando particularmente nas relações de cuidado com o outro, como no caso da mãe com o bebê ou no relacionamento que se estabelece no curso de uma análise. Essas situações denotam um aspecto da relação humana caracterizada pelo apoio e pela dependência, no sentido de um suporte fundamental para a existência do outro.

Nesse contexto, Winnicott (1963/1983) fala da dependência absoluta do bebê em relação à mãe, sem a qual sua sobrevivência física e psíquica torna-se ameaçada. À medida que o bebê passa por vivências gradativas de satisfação de suas necessidades, intercaladas com momentos de frustração, integração e sobrevivência psíquicas, apoiado a todo instante pela capacidade de *holding* da mãe, essa *dependência absoluta* evolui para uma *dependência relativa* e, posteriormente, a uma *independência relativa*. Não se chega jamais a uma independência absoluta, pois o alimento psíquico deve ser continuamente fornecido no contato com o outro e nas trocas afetivas que incluem manifestações de amor, ódio e conhecimento. Partimos da dependência plena para a independência incompleta, e ao longo dessa trajetória somos convocados a nos engajar emocionalmente com o outro.

A hipótese da *independência absoluta* nos faz pensar em um estado de coisas em que o outro seja perfeitamente dispensável para o *self*, o que implicaria uma

retirada melancólica do desejo e a perda significativa do contato com a realidade objetual. A dependência nos conclama a reconhecer a importância do outro, de sua presença que confirma nossa própria existência e mantém viva a capacidade de formar vínculos amorosos, criar, trabalhar, produzir... e perder.

Onde há dependência, no sentido desse suporte necessário, encontra-se uma relação assimétrica em que a potência de um coloca-se a serviço do outro. A mãe que aborda o bebê com seu amor, que o amamenta, interpreta seu choro e responde com alguma forma de acolhimento encontra-se necessariamente em uma posição de predomínio de seu poder sobre o pequeno ser em formação, conforme podemos depreender dos trabalhos de Winnicott (1958/1993) e Laplanche (1987/1992). As vivências intrapsíquicas do bebê são suportadas pelas experiências de reconhecimento por parte da mãe que dele se ocupa, mas também das experiências de sujeição na medida em que o olhar da mãe e os significados atribuídos às expressões emocionais do bebê conferem contornos à subjetividade incipiente do ser em formação.

As teorias psicanalíticas que abordam a intersubjetividade partem do princípio de que o relacionamento estabelecido entre duas pessoas transcende os limites da experiência intrapsíquica originalmente descrita por Freud. Do ponto de vista teórico, o intrapsíquico e o intersubjetivo são duas dimensões da experiência que coexistem e se complementam, possibilitando uma compreensão do impacto dos relacionamentos humanos no desenvolvimento do sujeito, e da influência dos mecanismos psíquicos e fantasias de seu mundo interno, os quais determinam expressões de sua vida psíquica e condicionam seus modos de interação com o mundo externo (Benjamin, 1990).

Retomando a vinheta apresentada inicialmente, é possível identificar alguns aspectos dessas duas dimensões na situação do encontro com o outro. O rapaz que é recebido para as primeiras entrevistas de análise desperta no analista uma série de impressões, sensações e imagens que, em parte, dizem respeito ao mundo interno do analista e, em parte, resultam do encontro de duas subjetividades. O mesmo ocorre, muito provavelmente, com o rapaz em relação ao analista, o que pode ser evidenciado em suas reações às palavras e pontuações das primeiras conversas, sua movimentação pela sala e a modulação das tonalidades emocionais em sua fala.

Na psicanálise, partimos do princípio de que o desconhecimento do analisante em relação ao analista seja o terreno fértil para o trabalho clínico que poderá brotar e se desenvolver à medida que se instale a situação transferencial. O desconhecimento mútuo do analista e do analisante – algo de certa forma idealizado, pois o percurso que leva um indivíduo a buscar o analista passa frequentemente pelo encaminhamento de um e a indicação do outro, envolvendo um terceiro que faça o elo – possibilita a ambos a situação do estrangeiro, do estranhamento receptivo a partir do qual poderá ter início uma narrativa única. Os graus de separação interpostos



entre o analista e aquele que o procura são a condição essencial para que possa haver o encontro, a experiência emocional, a diferença que engendra o reconhecimento do outro como alguém diverso, cuja história jamais poderá se esgotar por mais que as palavras e o olhar se esforcem por perambular em todos os meandros da existência desse outro. Lembrando da música: *bet you'll never get to know me, you don't know me at all*.

Todo movimento em direção ao outro desperta alguma reação. Na situação clínica, o manejo desses movimentos é feito com cautela, não por uma questão de assepsia mental, como se fosse possível haver neutralidade absoluta, mas pelo fato de que a fala do analista pode inadvertidamente resvalar em uma perturbação excessiva do espaço psíquico do analisante. Recordamos aqui a temática do sagrado a que Frosh e Baraitser (2003) se referem. O paciente em análise busca *acknowledgement*, o reconhecimento do outro que possibilite a compreensão de sua própria experiência emocional. A tênue linha que separa o conhecimento intelectual do reconhecimento do outro não é pontilhada por palavras conscientes, e sim pela moção delicada de significados inconscientes que possibilitem ao outro uma vivência de contato verdadeiro, marcada menos pelo impacto do olhar do analista do que pela sensibilização de sua presença.

Há alguns anos, atendi uma senhora cuja experiência emocional era predominantemente marcada por angústias paranoides insuportáveis. Todo e qualquer movimento ao seu redor era vivenciado como um terrível jogo de perseguição, um complô universal articulado pelos homens (sobretudo e curiosamente os juízes de futebol) para aniquilar qualquer indício de emancipação e prosperidade dos membros de sua família. Nessas condições, a comunicação com a paciente era invariavelmente atribulada por fantasias de envenenamento e perda de vitalidade: a água que bebia tinha um gosto amargo e a fazia suspeitar que seus vizinhos tivessem colocado um animal morto dentro da caixa d'água. Do mesmo modo, meu olhar ou o uso de determinadas palavras eram às vezes experimentados como tentativas de controlar magicamente seus pensamentos. Durante algum tempo, a única forma de contato possível e tolerável por esta senhora era a presença silenciosa do analista e a continuidade dessa presença no tempo.

No trabalho de análise, o outro – o analista – é, às vezes, pressentido como uma presença invasiva que ameaça colonizar o mundo interno do paciente, atribuindo às suas experiências emocionais sentidos e significados que alteram a percepção de si. Ao mesmo tempo, o analista é procurado justamente por sua capacidade (suposta) de enxergar no outro algo além dos aspectos conscientes de seu conflito. A sujeição se expressa aqui nas duas formas discutidas anteriormente: como risco de colonização que incita a angústia, mas também como ponto de referência para a

construção de uma narrativa que possibilite ao outro um contato mais verdadeiro com sua realidade psíquica e com a experiência da subjetividade.

A dimensão intersubjetiva representa esse campo de relacionamento em que dois sujeitos experimentam a presença, o estranhamento, a diferença e o reconhecimento de características de um e de outro, mediados por fenômenos intrapsíquicos de identificação, projeção, negação, introjeção, desidentificação etc. No contexto da intersubjetividade, entende-se que:

o outro deve ser reconhecido como um outro-sujeito para que o sujeito experiente por inteiro sua subjetividade na presença do outro. Isto significa, em primeiro lugar, que temos uma necessidade de reconhecimento e, em segundo, que temos a capacidade de reconhecer os outros em contrapartida – um reconhecimento mútuo. Mas o reconhecimento é uma capacidade do desenvolvimento individual que só é desigualmente realizado. Em certo sentido, o propósito de uma psicanálise relacional é explicar este fato. (Benjamin, 1990)<sup>8</sup>

A possibilidade de reconhecimento depende sobretudo do não saber, do estranhamento, da separação abissal que coloca um e outro a uma distância infinita, mas que preserva (assim esperamos) a capacidade de detectar a presença do outro no horizonte psíquico de um encontro provável. A diferença que nos separa do outro é aquilo que nos permite estabelecer contato com este outro e reconhece-lo como tal. O rapaz que chega para as entrevistas iniciais de análise deixa claro o desejo e a angústia de estabelecer um relacionamento com o outro, evidenciados pela sua presença e retorno nos horários combinados, pela sua fala carregada de emoções e também pelo desvio do olhar do analista, quando decide subitamente sair do sofá e deitar-se no divã.

O contato com o outro é mobilizador de uma infinidade de sentimentos que, bem sabemos, são constituídos a partir das relações estabelecidas ao longo de toda uma existência. Na linha de pensamento proposta por Jessica Benjamin, a dinâmica intrapsíquica é o lugar das relações de objeto, onde o sujeito cria e recria sua realidade no contato com as fantasias que projeta interna e externamente, entre partes do *self* e partes do objeto, até que se torne possível a experiência do objeto total. Neste ponto, a dimensão intersubjetiva parece ficar mais evidente ou melhor delineada. A experiência do sujeito com o outro não é apenas fruto de condensações, deslocamentos e representações do mundo objetal, mas inclui também o contato vivo com a alteridade, ora tolerável, ora insuportável, mas sempre imprescindível para que se produza sentido e amadurecimento das capacidades de relacionamento com o outro

---

8 *Idem.*

como um outro sujeito, com vida própria e desejo incerto, presente e sempre pronto para se despedir.

A música de Caetano Veloso que surge nos pensamentos do analista em contato com o desconhecido, expressa uma verdade e um alerta à medida que a relação transferencial começa a se esboçar e dar indícios de um possível engajamento. *You don't know me, bet you'll never get to know me; You don't know me at all.* Suportar o não saber significa apreciar a capacidade do outro ser muito mais do que aquilo que se pode depreender no encontro de duas subjetividades. *There's nothing you can show me from behind the wall – but please, show me from behind the wall.* O distanciamento é necessário a ambos para que seja possível uma aproximação à medida que o contato com o outro seja experimentado como suficientemente seguro, preservando-se o respeito às diferenças e aos limites do espaço sagrado em que se afirma a singularidade radical do outro. O desejo de reconhecimento, no entanto, exige a saída de trás do muro e a confiança na incerteza de que o olhar do outro possa servir ao conhecimento de si, não como uma verdade colonizadora, mas como uma possibilidade ética.

Permitir, suportar, possibilitar... as palavras usadas para descrever os fenômenos do encontro e do reconhecimento não são indicativas de uma garantia, mas de uma probabilidade que, a princípio, está aberta à realização.

### Expresiones de reconocimiento y sujeción en la experiencia intersubjetiva

Resumen: A partir de una viñeta clínica del comienzo de un trabajo psicoanalítico, el autor propone un ensayo sobre un aspecto de las relaciones sociales que ha sido objeto de reflexión por diversos investigadores en el campo del psicoanálisis: el reconocimiento del otro como semejante y diferente, portador de una alteridad singular que al mismo tiempo, revela la cercanía y la gran distancia entre dos personas. Basándose en el pensamiento de Foucault sobre las relaciones de poder y sumisión, y la teoría de Winnicott sobre el *holding* y la dependencia, el reconocimiento de la alteridad se examina como un modo de experiencia intersubjetiva, mediada por el respeto a las diferencias y los límites del espacio psíquico en el que la singularidad radical de el otro se actualiza.

Palabras clave: alteridad, *holding*, sujeción, Winnicott, Foucault.

### Expressions of recognition and subjection in the intersubjective experience

Abstract: From a clinical vignette of the beginning of a psychoanalytic work, the author proposes an essay on one aspect of social relationships that has been object of reflection by various researchers in the field of psychoanalysis: the recognition of the other as similar and different, carrier of a singular otherness that at the same time,

reveals the close proximity and the large distance between two people. Relying on Foucault's thought on relations of power and subjection, and Winnicott's theory on holding and dependency, the acknowledgement of otherness is discussed as one mode of intersubjective experience, mediated by the respect for differences and boundaries of the psychic space in which the radical singularity of the other is restated.

Keywords: otherness, *holding*, subjection, Winnicott, Foucault.

## Referências

- Allen, A. (2006). Dependency, subordination, and recognition: On Judith Butler's theory of subjection. *Continental Philosophy Review*, 38, 199-222. Carbondale.
- Benjamin, J. (1990). An outline of intersubjectivity: The development of recognition. *Psychoanalytic Psychology*, 7 (Suppl.), 33-46. Washington DC.
- Butler, J. (1997). *The psychic life of power: Essays on Subjection*. Stanford: Stanford University Press.
- Butler, J. (2000). Longing for recognition. *Studies on Gender and Sexuality*, 1 (3), 271-290. Londres.
- Foucault, M. (1991). *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. Harmondsworth: Penguin Books. (Trabalho original publicado em 1975).
- Frosh, S. (2002). The other. *American Imago*, 59, 389-407. Baltimore.
- Frosh, S. & Baraitser, L. (2003). Thinking, recognition and otherness. *The Psychoanalytic Review*, 90 (6), 771-789. Washington.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Veloso, C. (1972). "You don't know me", faixa 1 do LP *Transa*. Rio de Janeiro: Polygram.
- Winnicott, D. W. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963)
- Winnicott, D. W. (1993). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1958)

Pericles Pinheiro Machado Jr.  
Av. São Gabriel, 626/52  
01435-000 São Paulo, SP  
periclespmachado@gmail.com